



Palavras prévias: a crise dentro da crise¹

Carlos REIS, Reitor da Universidade Aberta

Pouco depois de estalar a crise financeira e económica de dimensão global que nos vem afectando há mais de um ano, alguém afirmou que a dita crise alguma coisa tem a ver com a erosão de valores que, varridos da nossa colectiva consciência, não puderam travar atitudes que agora lamentamos. Alguns desses valores: o do trabalho e da sua proporcionada compensação; o da justiça e o da equidade; o da dimensão simbólica das práticas culturais; o da solidariedade e da sua disseminação social; o do equilíbrio que ensina a dispor do que temos mas não do que não temos; o do tolerante respeito pelo outro; o da dimensão humana das coisas e da vida.

Não faltam testemunhos que alertam para o preço que se paga quando alguns daqueles valores e outros ainda são rasurados. O gesto fácil de quem mata o mandarim e herda uma fortuna fácil, o terror que atinge o famoso anjo da História, olhando as ruínas em que se alicerça o progresso que nos empurra para a frente, a alegoria da cegueira colectiva que desata o egoísmo e a violência são avisos aparentemente sem resultados que se vejam. De onde nos chegam eles? Da literatura, da reflexão filosófica, do conhecimento da História, da vivência dos fenómenos artísticos. Noutros termos: de saberes e de sentidos em crise, nos vários cenários em que tais saberes e sentidos deveriam conhecer melhor sorte.

O panorama do estudo das Humanidades (é disso que estou a falar) apresenta-se-nos hoje em vias de desertificação, mesmo sabendo-se que de alguma forma essa desertificação tem sido retardada por disciplinas que despontaram nas suas margens (estudos culturais, estudos femininos, estudos pós-coloniais, etc.). Por isso, estamos

¹ O presente texto foi escrito pouco antes de ter lugar o colóquio “Renascimentos na Europa do Século XVI – Formas, Ritmos e Convergências” e não chegou a ser publicado, conforme estava previsto. Dele me servi para as palavras que proferi na sessão de abertura do referido colóquio; por isso mesmo e porque os coordenadores daquela reunião científica me pedem um testemunho preambular, entendo ser pertinente inseri-lo aqui.



a pagar um preço que se tornará tanto mais gravoso quanto mais aqueles que têm responsabilidades na matéria insistirem em fingir que não vêem o que bem evidente é: o estudo da filosofia está desacreditado, a História passou de moda, a literatura é vista como coisa entediante, as letras clássicas são encaradas como relíquias descartáveis. A escola tem aqui uma responsabilidade que não pode ser descuidada, mas que não explica tudo. Aos erros que nela têm sido cometidos (no que respeita a planos curriculares, a programas de disciplinas, a cargas horárias, a desenhos de cursos e a atitudes pedagógicas propriamente ditas), devemos juntar os que provêm e são potenciados por outros agentes e opções, em geral comprometidos com uma visão político-economicista da ciência e da cultura.

A pulsão tecnológica que se instalou na sociedade portuguesa decorre de carências efectivas que não vale a pena negar. O problema é quando aquela pulsão passa a ser *doxa* autoritária que, secando tudo à sua volta, se desautoriza a si mesma pelos efeitos perversos que arrasta. Dir-se-á que não se pode obrigar ninguém a estudar Kierkegaard ou a ler Camões. A isto acrescento: essa *não-obrigação* deveria ser ponderada com cautela e com medidas compensadoras do descaso, quando percebemos que as sociedades competitivas, multiculturais e socialmente desequilibradas em que hoje vivemos carecem urgentemente de valores como aqueles de que falei; e esses valores estão representados na sabedoria de rosto humano que Kierkegaard ou Camões nos revelam.

Contrariando o alegre descuido de modos de vida frívolos e infantilizados (bem espelhados na televisão que temos ou na publicidade que nos inculcam), importa recuperar a tal dimensão humana das coisas e da vida: nas escolas e nas universidades, mas também na comunicação social, nos discursos políticos, nos protocolos do quotidiano e até (pasmese!) nas práticas económicas. Para que um dia se não conclua, como a personagem de Joyce, que é preciso acordar de um pesadelo chamado história.



Nota Prévia

A presente publicação reúne parte significativa dos trabalhos apresentados no Colóquio ‘Renascimentos na Europa do Século XVI – Formas, Ritmos e Convergências’, realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, em Dezembro de 2008. Contra o que seria desejável, o lançamento das actas deste encontro de carácter científico foi constantemente adiado por vicissitudes várias, ligadas, no essencial, a questões de ordem financeira.

No entanto, registemos com enorme agrado todo o apoio para a concretização do projecto, recebido do Prof. Doutor Carlos Reis, Reitor da Universidade Aberta. Agradecemos ainda à Unidade de Produção e Gestão de Conteúdos de Ensino (UPGCE), que possibilitou, do ponto de vista informático, a edição e a concepção gráfica dos materiais, e à Dr^a Fátima Ferreira da Silva, pela sua constante disponibilidade e imprescindível colaboração.

Dirigimos uma palavra especial aos autores, não apenas pelos valiosos contributos prestados e agora divulgados, mas também pela paciência e compreensão que demonstraram ao longo dos dois anos de preparação deste volume de actas.

A Comissão Organizadora,

Mafalda Ferin Cunha

Maria de Jesus C. Relvas

Pedro Flor

UNIVERSIDADE
ABERTA

PORTUGAL UNIVERSIDADE PÚBLICA
DE ENSINO A DISTÂNCIA

www.univ-ab.pt

EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO

COLÓQUIO

RENASCIMENTOS NA EUROPA DO SÉCULO XVI

FORMAS, RITMOS E CONVERGÊNCIAS



11 e 12
DEZEMBRO
2008

**Fundação
Calouste
Gulbenkian**
Lisboa
Auditório **3**

ORGANIZAÇÃO_ UNIVERSIDADE ABERTA :
MAFALDA FERIN CUNHA | MARIA DE JESUS C. RELVAS | PEDRO FLOR

COLÓQUIO

RENASCIMENTOS NA EUROPA DO SÉCULO XVI

FORMAS, RITMOS E CONVERGÊNCIAS

11 e 12
DEZEMBRO
2008

Fundação
Calouste
Gulbenkian
Lisboa
Auditório 3

11
DEZEMBRO
Quinta-Feira

9.00_ Recepção e Acolhimento

9.30_ Abertura
Carlos Reis,
Reitor da Universidade Aberta

10.00 | 10.50
**RENASCIMENTO – UMA QUESTÃO DE
HISTÓRIA**

Maria do Rosário Themudo Barata,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**INCURSÕES NA TESSITURA
DO RENASCIMENTO INGLÊS**

Maria Salomé Machado,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Debate

11.00_ Pausa para café

11.30 | 12.15
**A REVOLUÇÃO NARRATIVA NA
PINTURA PORTUGUESA DA PRIMEIRA
METADE DE QUINHENTOS**

Fernando António Baptista Pereira,
Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa

**RENASCIMENTO E ARTES
DECORATIVAS EM PORTUGAL**

Isabel Mendonça
Escola Superior de Artes Decorativas,
Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

Debate

13.00_ Almoço

14.30 | 15.15
**A INQUISIÇÃO
NO PORTUGAL QUINHENTISTA:
SENTIDOS DE UMA
TRANSFORMAÇÃO**

Maria do Carmo Teixeira Pinto,
Universidade Aberta

**FAMÍLIA E ORDEM SOCIAL: SEUS
DESAFIOS E REAVALIAÇÕES – DO
HUMANISMO CRISTÃO
AO PENSAMENTO REFORMISTA**

Maria Leonor Garcia da Cruz,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Debate

15.30_ Pausa para café

16.00 | 16.45
**LIBERDADE E DESTINO
EM SÁ DE MIRANDA
E LUÍS DE CAMÕES**

Maria Vitalina Leal de Matos,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**TRIUNFO OU QUEDA DO HOMEM:
O SENTIDO DE ALGUNS MITOS NA
POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI**

Mafalda Ferin Cunha,
Universidade Aberta

Debate

12
DEZEMBRO
Sexta-Feira

9.30 | 10.45
**THE MAN IN THE MOONE,
DE FRANCIS GODWIN. RUMO
A UM NOVO PARADIGMA**

Adelaide Meira Serras,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**ESCREVER A VIAGEM: RELATOS
DE VIAJANTES PORTUGUESES
QUINHENTISTAS**

Ana Paula Laborinho,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM
DE ORIENTE NA ESCRITA
E NO DESENHO DO PORTUGAL
DE QUINHENTOS**

Ana Paula Avelar,
Universidade Aberta

Debate

11.00_ Pausa para café

11.30 | 12.15
**CORTE E LITERATURA
NO RENASCIMENTO EUROPEU**

Rita Marnoto,
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**ENIGMA E SAUDADES
DE BERNARDIM RIBEIRO**

Teresa Amado,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Debate

13.00_ Almoço

14.30 | 15.15
**ENTRE-MUNDOS:
A ARTE COMO IDEOLOGIA HISTÓRICA
EM FRANCISCO DE HOLANDA**

António Teixeira,
Universidade Aberta

**JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS
E O TEATRO PORTUGUÊS
DO SÉCULO XVI**

Maria do Rosário Laureano Santos,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

Debate

15.30_ Pausa para café

16.00 | 16.45
**DESCOBRIR O ENCOBERTO:
ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA
ICONOGRAFIA DE D. SEBASTIÃO**

Pedro Flor,
Universidade Aberta

**"FAIR EYES, SWEET LIPS, DEAR
HEART" — A DAMA IDEALIZADA
E A IDEALIZAÇÃO DA DAMA
NO TEMPO DE ISABEL TUDOR**

Maria de Jesus C. Relvas,
Universidade Aberta

Debate

17.30_ Encerramento





Corte e literatura no Renascimento

Rita MARNOTO, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

A melhor via para a exploração do espaço que corre entre *Renascimento*, no singular, e *Renascimentos*, no plural, considerando as articulações de formas, ritmos e convergências, nas suas implicações europeias, tal como foi proposta aos trabalhos deste congresso, é a teoria do sistema dinâmico. A aplicação da noção de heterogeneidade do sistema literário, um sistema que é formado por vários sistemas, em constante evolução, cujos elementos são interdependentes, ao mesmo tempo que é parte de um sistema mais vasto, abre renovadas e profícuas perspectivas críticas ao estudo da literatura do Renascimento.

Trata-se, na verdade, de um importante contributo para a superação daquele posicionamento purista que, ao associar o modelo do classicismo e a *imitatio* à uniformidade repetitiva de um formulário, se arrisca a convertê-lo numa entidade estática. Correlativamente, da redução do alcance de um fenómeno tão amplo às fronteiras nacionais, não poderá resultar senão uma leitura esterilizante. Se, numa escala temporal, os seus confins se estendem à recuperação do mundo antigo, numa escala espacial chegam a ser extravasadas as fronteiras da Europa.

Concebida nos meios do estruturalismo russo e do estruturalismo checo, tendo depois encontrado brilhantes desenvolvimentos na obra de Umberto Eco, Jurij Lotman ou Even-Zohar, a noção de sistema dinâmico conta com um sólido historial crítico, e tem vindo a ser explorada, em tempos mais recentes, por certos ramos dos estudos culturais, dada a abrangência e a capacidade de compreender realidades complexas que lhe é própria. O dinamismo do período em análise neste congresso, o Renascimento, decorre, em grande parte, do modo como um modelo, que é o do classicismo, vai sendo sucessivamente declinado e revitalizado através das suas aplicações, à escala



européia. Essa multiplicidade de intersecções potencia a canonicidade que o sustém. Na verdade, por entre as pregas desses cruzamentos aloja-se a própria arte da modelação do sistema do classicismo. É na exploração desses percursos e dessas transferências sígnicas que reside o sentido da teoria e da prática da *imitatio* no Renascimento.

Assim sendo, esta via metodológica é a de um comparatismo concebido à escala europeia¹. Na dialéctica entre corte e literatura, espelha-se uma multiplicidade de intersecções e uma variedade de modelações cujo sentido decorre da sua inserção no plano mais vasto de um Renascimento europeu. É a partir deste conjunto de orientações metodológicas que entendo desenvolver a articulação entre corte e Renascimento que serve de tema a este ensaio crítico.

Como é sabido, ao significado, em latim medieval, da palavra *corte*, para designar os lugares adjacentes ao castelo, sobrepõe-se o de *cúria*, enquanto local de encontro dos mais dignos homens. Daqui decorre um sistema de valores que a língua occitana logo consagrou através do adjectivo *cortes* e do substantivo *cortezia*. Ao longo de um processo evolutivo secular, a corte erige-se, pois, em sujeito colectivo dotado de uma função e de um simbolismo próprios.

A sociedade de corte desenvolve-se precocemente na área occitânica, já em finais do século IX. A partir do ano de 1000, alguns castelos tornam-se sede laica de uma produção artística e cultural que alcançará particular desenvolvimento no âmbito da poesia lírica. O fenómeno alastrará depois pela França, pela Itália e para o Leste, e também pelo Ocidente ibérico, tal como foi estudado por críticos da envergadura de Erich

¹ Tive oportunidade de aprofundar este tema em “Literatura comparada. Imaginar, interrogar”, *Imaginação e Literatura*, coord. Rita Marnoto (Coimbra: Instituto de Estudos Italianos da UC, 2009) 167-194.



Köhler² e Georges Duby,³ que associam essa poesia a uma forma de autoconsciência e de autolegitimação de estratos da sociedade feudal.

Por sua vez, a corte renascentista instaura um modelo e assume um simbolismo que decorrem de uma fase evolutiva subsequente. O novo paradigma acompanha a deslocação do centro do polissistema literário para terreno italiano. No plano europeu, serve-lhe de padrão a *institutio italiana*. Peter Burke⁴ e Amedeo Quondam⁵ mostraram como é a partir dele que pode ser compreendida toda a evolução da corte moderna, com as suas rupturas e as suas articulações, levando a cabo, da mesma feita, uma revisão das teses de Norbert Elias.

O modelo da corte feudal teve escassa penetração em Itália. Para melhor compreender esta situação, será necessário ter em linha de conta que, por um lado, a nobreza feudal italiana não se distingue pela sua força, mas, por outro lado, a burguesia não adere ao sistema de valores occitânico, que lhe é alheio, nem manifesta interesse em fazer sua a literatura que lhe é correlata. A *magna curia* de Frederico II é imperial e brota das franjas da Península, como fenómeno multicultural que cruza componentes muito diversificados, entre a cultura do Centro e do Norte da Europa, a presença árabe e o mundo hebraico, para além da esfera occitânica.⁶ Por entre todas as dúvidas com que a historiografia literária se confronta, admite-se que, na escala social, os seus poetas

² *Trobadorlyrik und Höfischer Roman. Aufsätze zur Französischen und Provenzalischen Literatur des Mittelalters* (Berlin: Ruetten & Loening, 1962); *Sociologia della Fin'amor. Saggi Trobadorici* (Padova: Liviana, 1976).

³ *Guerriers et paysans. 7e-12e siècle. Premier Essor de l'Économie Européenne* (Paris : Gallimard, 1973). No âmbito galego, veja-se António Resende de Oliveira, *Depois do Espectáculo Trovadoresco: a Estrutura dos Cancioneiros Peninsulares e as Recolhas dos Sécs. XIII e XIV* (Lisboa: Colibri, 1994). Para uma perspectiva geral e um balanço crítico, veja-se Marco Santagata, "Dalla lirica cortese alla lirica cortigiana: appunti per una storia", Org. M. S. Stefano Carrai, *La Lirica di Corte nell'Italia del Quattrocento* (Milano: Franco Angeli, 1993) 11-30.

⁴ *The Italian Renaissance. Culture and Society in Italy* (Princeton: Princeton UP, 1972).

⁵ "Questo povero cortegiano", *Castiglione, il Libro, la Storia* (Roma: Bulzoni, 2000).

⁶ Referi-me a este conjunto de questões em *A "Vita Nova" de Dante Alighieri, Deus, o Amor e a Palavra* (Lisboa: Colibri, 2001).



fossem funcionários ligados, quando muito, à pequena nobreza. Mais do que visarem, propriamente, a autolegitimação de um estrato, procuravam a protecção do poder.

Quando, com a desintegração da corte do Imperador, em meados do século XIII, a poesia dos Sicilianos se expande pelo Centro da Península, é para lançar raízes no ambiente comunal, expressão do meio urbano e de um grupo social activo e empreendedor. No seio da nova ordem ligada ao comércio, é muito vivo o confronto entre núcleos e entre estratos ligados ao governo comunal. O ambiente das comunas é vário e extremamente receptivo ao novo, quer nos seus contornos sociais, quer pelo que diz respeito às preferências literárias.

O centro de gravitação não é, porém, a corte, mas a urbe. Beatrice, protótipo da mulher-anjo stilnovista, caminha pelas ruas da cidade, dando o seu *saluto* a quem o merece. A poesia distancia-se, definitivamente, do modelo da corte feudal, apesar de poder ser considerada como funcionalmente cortês.⁷ Os poetas do *dolce stil novo* fazem jus à determinação com que cultivam uma tradição alta, dotada de um elevado grau de abstracção, que capta as transformações sociais em movimento. Paralelamente, a produção literária, do plano lírico, estende-se a temas políticos, históricos, enciclopédicos, de edificação, de teorização retórica, jocosos, romanescos ou de ocasião, numa avalanche de novas modalidades de intersecção. Sob o signo da variedade, essa eclosão literária abrange não só uma extrema diversidade de formas, conteúdos e géneros, como também de opções linguísticas. A feição experimental que a propulsiona traduz-se na sucessão de escolas e tendências, através de um afinado jogo de diatribes e conflitos. Sumo representante dessa vaga de fundo, é o Dante da *Commedia*.

Se a variedade que caracteriza a literatura italiana do século XIV fica contida nos trilhos da polifonia, aquele século XV, no qual Benedetto Croce não conseguiu penetrar,

⁷ Marco Santagata, “Dalla lirica cortese alla lirica cortigiana: appunti per una storia”.



ainda mais a potencia. A historiografia literária recente concebe-o como proliferação anárquica de formas e géneros, autores e obras. Essa panóplia de realizações situa-se no âmbito de um classicismo que está a construir o seu cânone.

Será depois da *Pace di Lodi*, de 1454, que ficam criadas aquelas condições de estabilidade que permitirão ao sistema de cortes consolidar-se. Neste ponto, é decisiva a passagem do regime político das senhorias, para um regime de estados senhoriais. A trama constituinte e vital dessa mudança é o efectivo aumento do patriciado urbano, com a correlata formação de novos grupos sociais, caracterizados pela sua índole substancialmente diversificada, que não eram compreendidos pela antiga ordem. Apesar disso, os novos estratos são extremamente coesos na defesa de objectivos comuns. Formam-se no seio de cada estado, mas a sua presença estende-se, transversalmente, por toda a Itália.

Ao analisar este processo evolutivo e os seus mecanismos, Amedeo Quondam mostra como, correlativamente, a centralidade é deslocada, do príncipe, para a própria corte. Entre esta situação e o modelo de vassalagem sobre o qual se construía a corte feudal, com aquela instância específica de autolegitimação social representada pela poesia, não há solução de continuidade.

A corte, no estado senhorial, traduz o consenso necessário à fortificação de uma sociedade que, com os seus vários grupos, é heterogénea. O novo pacto, consensual e consentâneo, assenta na interrelação orgânica dos membros de um corpo, sob a égide de um conjunto de normas de comportamento que define a sua identidade antropológica. O seu horizonte distancia-se, por consequência, das especulações acerca de amor e da sua essência contidas num *De Amore* de Marsilio Ficino ou no *Libro de Natura de Amore* de Mario Equicola. De outra forma, esse pacto irá ser consagrado por um tríptico de tratados que logo granjeou renome europeu: *Il Cortegiano*, de Baldassare Castiglione, com sucessivas redacções de 1516, 1518 e 1521-1524, editado por Aldo Manuzio em



1928, e, no mesmo ano, pelos Giunta; *Galateo Overo de' Costumi*, de Giovanni della Casa, editado póstumo em 1558; e *La civile Conversazione* de Stefano Guazzo, que saiu em 1574 e em 1579, numa segunda redacção. Todos eles são escritos sob a forma de diálogo, emblema de uma sociedade que elege o discurso como plataforma de interrelacionamento, e prescrevem modelos de desempenho susceptíveis de identificarem os membros da corte, enquanto tal. Costumes e conversação passam a ser uma segunda natureza. A conversação, juntamente com esses códigos de comportamento, são a face visível de um espírito de corpo, reunido em torno de práticas gregárias que identificam o cortesão, antropologicamente, como membro de um colectivo.

Essas práticas são descritas e prescritas em todos os seus aspectos e com todo o cuidado. De entre elas, a lírica petrarquista desempenha uma função primordial. Assenta, também ela, numa tendencial homogeneidade de formas e temas, que tem ao seu serviço os instrumentos capitais do rimário e do dicionário de *topoi*. A sua difusão é servida pela imprensa. Ao lançar no mercado centenas de exemplares iguais, põe-se ao serviço de um desempenho literário também ele equilibrado e consensual.⁸ Sob a égide de Petrarca, mestre de todas as finezas literárias, esta lírica nutre-se a si própria e nutre toda a Europa com as lições do classicismo.

Este modelo de corte não corresponde, de forma alguma, ao modelo *cortês*, mas a outro modelo que costuma ser designado *cortesão*. Como sublinha Marco Santagata, no artigo “Nascer duas vezes. Vicissitudes da lírica italiana dos primeiros séculos”,⁹ a lírica italiana não conheceu uma verdadeira estação cortês, em virtude de circunstâncias já anteriormente explicitadas. É no século XV que a sociedade de corte ganha pujança, em Itália, e é também nesse momento que a poesia se torna um componente fulcral desse ambiente. Como tal, não reentra no domínio do *cortês*, porquanto distanciada da

⁸ Veja-se Amedeo Quondam, “Petrarquistas e gentis-homens”, *Petrarca 700 anos*, coord. Rita Marnoto (Coimbra: Instituto de Estudos Italianos da FLUC, 2005) 187-248.

⁹ *Estudos Italianos em Portugal*, 1 (2006): 13-39.



tipologia occitânica e do cenário feudal. Cria, então, o seu próprio modelo, *cortesão*. Este padrão faz-se expressão das mudanças e das agitações que orientam o novo relacionamento interpessoal, confluindo na intersecção entre ética e estética. Modelo mais maturado no tempo, modelo gerado no centro do polissistema literário europeu, será seguido e imitado ao longo de todo o curso temporal que irá até à Revolução Francesa. Apesar de a área mais visível do seu impacto ser a França de Versailles, a sua irradiação é europeia.

Pelo que diz respeito a Portugal e ao período do Renascimento, não resulta a existência de tratados de comportamento que possam ser colocados em paralelo com *Il Cortegiano*, o *Galateo*, ou a *Civil Conversazione*. Nas letras portuguesas de Quinhentos, encontram-se representados os grandes géneros literários do tempo. A narrativa de viagem é uma das mais originais vertentes dessa produção, ao que há a acrescentar o nome de um poeta de primeiro plano, Luís de Camões. Apesar de a normatividade de costumes ser um assunto abordado em textos de diversas tipologias, o tratado de comportamento não é cultivado.

Contudo, os fundos das bibliotecas portuguesas mostram que Castiglione, della Casa ou Guazzo eram lidos, quer no original, quer em tradução. Aliás, na área ibérica, *Il Cortegiano* foi objecto de uma prestigiada tradução feita por Boscán. Em 1624, entra para o índice, o que mostra que era objecto de leitura.

Na verdade, a corte real portuguesa é uma instituição dotada de uma substancial continuidade, ao longo dos séculos. Não tem o carácter precoce das cortes occitânicas, nem conhece o seu prematuro eclipse. A sua criação não é protelada para um momento adiantado, como em Itália, nem decorre de uma necessidade de recuperar modelos que lhe permitam preencher um vazio de códigos, como em França. O seu perfil vai evoluindo ao longo de uma linha contínua, marcada por interregnos que não a chegam a afectar. Sofre as algumas vicissitudes no período da monarquia dual, para logo ser



revitalizada pelos Bragança. No terramoto de 1755, o palácio da Ribeira desmorona-se, mas, mesmo assim, os rituais vão-se mantendo na real barraca para onde D. José se transfere.

A corte de Avis foi, nos seus primórdios, como é sabido, um importante centro de renovação literária, com o cuidado posto na organização da biblioteca real, o incentivo à tradução e o cultivo de vários tipos de prosa. Ao lermos, porém, as páginas do grande repositório da poesia de corte da segunda metade do século XV e inícios do século XVI, o *Cancioneiro Geral*, colhemos a imagem de uma sociedade que se caracteriza por um forte dinamismo interpessoal, mas que se encontra perfeitamente satisfeita consigo própria e que, nesse sentido, é basicamente conservadora. Os novos costumes suscitam reacções de espanto, que ficam entre a curiosidade e o repúdio, assim mostrando a vitalidade relativa de um mundo que se observa e que se interroga acerca das mudanças em acto, mas sem que por elas seja atraído. Não se trata de um colectivo estagnado, embora também não acalente particulares expectativas.

É formado por uma nobreza de casta que, como tal, não tem necessidades de autolegitimação, e vai fruindo o bem-estar que lhe é oferecido pela protecção real. A sua composição classística e social mantém uma certa homogeneidade ao longo dos tempos, sem sofrer particulares alterações. Aquela diversidade resultante, por exemplo, das novas formas de organização sócio-política da Itália do século XV é-lhe substancialmente alheia. O centro continua a ser o rei, mais do que a corte.

A essas características de homogeneidade social, alia-se uma heterogeneidade de costumes. Não quer isto dizer que a corte portuguesa fosse uma corte sem brilho: era famosa, em toda a Europa, pelo seu luxo exótico. Essa mesma linha de continuidade ao longo da qual se processara a sua evolução, sem rupturas, favorecera a acumulação de elementos de diversa proveniência, enquanto sinal de um consenso que procedeu por inclusão. A riqueza e a abundância que a caracterizavam, no século XVI, eram postas



ao serviço de modalidades de representação do poder que não requeriam, como tal, intervenções codificadoras exógenas. Aliás, D. Manuel soube tirar o melhor partido da imagem de exotismo, nas suas relações internacionais. Recorde-se a Embaixada do Elefante, enviada ao potente papa Leão X. O Rei da pimenta percebeu perfeitamente que qualquer tentativa de competir com o fausto do Papa de' Medici, no campo do classissismo, seria vã. No entanto, deslocando o fulcro para o domínio do exotismo, a vitória estaria garantida, como de facto esteve. Num momento mais adiantado do século, também D. Sebastião logo intuiu o significado da primeira grande epopeia a sair do Mediterrâneo, rumo à navegação oceânica, *Os Lusíadas*.

A completar este ensaio, apresento duas imagens do Portugal de Quinhentos e dos seus costumes traçadas por italianos, que poderão ser confrontadas com quanto ficou anteriormente exposto. A primeira é registada por um viajante cuja identidade se desconhece, mas que, segundo o seu editor moderno, se encontrará muito provavelmente ligado à cúria papal e terá vindo a Portugal como membro de uma embaixada, em período a situar entre 1578 e 1580.¹⁰ A segunda sai das páginas do próprio tratado de Castiglione, *Il Cortegiano*.

No primeiro caso, trata-se de um relatório dividido em duas partes, uma com os prós, outra com os contras do país visitado. Esta última é atribuída a um narrador diferente, apesar de Oliveira Marques admitir que se trata de uma só pessoa, que assim se desvincula da severidade do retrato negativo que traça do Portugal quinhentista. Na primeira parte, é dada grande importância à organização do reino e à administração da justiça. Na segunda, são apresentados e comentados costumes e formas de vida.

Daí resulta a imagem de uma nação distanciada dos grandes centros da Europa, não por falta de contactos, mas por falta de interesse e em virtude de uma posição

¹⁰ Transcrição de A. H. de Oliveira Marques, "Uma descrição de Portugal em 1578-80", *Portugal Quinhentista (Ensaios)* (Lisboa: Quetzal, 1987) 127-245.



geográfica que dela faz o país mais remoto do Ocidente, vocacionado para as rotas oceânicas:¹¹

J naturali sono da se gente rozza inerte scioccha, e superba, e quella a cui pare super piu che tutto il resto del mondo insieme, e come che il Regno non è situato in modo, che sia passaggio per nessuna altra parte à gente forastiera, è loro poco curiosi, in uedere le parti nobili del mondo, especialmente quella, che ne hebbe gia l'imperio di tutto, non imparano da altri arte, ne uirtu alcuna se non é dagli Indij o dagli Etiopi, con cui trattano, e se pure alcuno di loro alle uolte é andato in Italia, non hà fatto altro che stupire senza affaticarsi punto come gli altri fanno á portar á casa sua l'arti, é i costumi di quella prouincia, anzi giunto à Portogallo li Schernisse amando meglio quei degli Etiopi che dicono essere piu conformi al loro intelletto [...].

A ancestral ligação histórica de Portugal ao mundo árabe encontra a sua sequência natural na expansão, como o mostra a imediata sintonia com povos e costumes orientais. Não parece que o viajante tenha tido acesso à corte, mas reconhece o seu papel de simulação, em virtude do qual os hábitos orientais nela seguidos são depois imitados fora dela, como o de ser servido de joelhos, à etíope.¹²

Os códigos de costumes são postos ao serviço de um regime hierárquico de separação de castas, que distingue superiores e inferiores, e não propriamente da homogeneização do comportamento de uma vasta faixa social.¹³ O debate em torno

¹¹ “Uma descrição de Portugal em 1578-80”, 218.

¹² “Al nobile par che non sia nobiltà pari alla sua, onde stima che ogni uno gli resti gran pezzo á dietro, procura in tutte le cose far come fanno i Re e i Prencipi, fa seruirsi di ginocchi, costume imparato dagli Etiopi [...]”, “Uma descrição de Portugal em 1578-80” 220.

¹³ “[il nobile] Solamente studia ne punti della grauità e come ei dee fare á mostrarsi grande, et abbassar gli altri perche in queste cose simili, e non nella uirtu credono che consista la nobiltà”, “Uma descrição de Portugal em 1578-80”, 220.



dos códigos de costumes, esse, é muito forte, como o seguinte passo deixa perceber, travando-se, porém, fora da corte:¹⁴

Considerano á cui deuno parlare di uoi, di te, di merce, di Signoria, d' Eccellenza, d' Altezza, perche il titolo di Magestà non ui é ancor arriuato, benche sia gionto sino á Guadalupe. Si becono il ceruello in pensare á cui deuno cauar di berretta, se meza, se tutta intiera, se abbassarla á basso, se tenerla alta, se far coprire cui gli parla, o lasciarli sberrettati, o che si cuoprano da se stessi se deuno ascoltar in piedi, o à sedere se deono far che cui parli sieda, o stia, o douendo far sedere che modo di sedia se gli dee dare, o rasa, o con le spalle da appoggiarsi, o scabello, et in fine studiano che tutte le loro attioni sieno misurate con fastidiosissimi termini di grauità. E benche in ogni parte, e specialmente in tutta spagna si guardi molto à questi punti, tuttauia quiui piu che in ogni altra parte uengono assotigliati, aguzzati, et osseruati e si affettatamente e fuor di misura, e di tempo, che sono insopportabili, e se pure o per fallo, o à studio si faliscono causano alle uolte inimicitie mortali, onde conuiene, che cui uiue fra di loro segua con essi il medesimo disordine ancorche lo abborrisca, per non parer che stimi se stesso poco [...].

São grupos da nobreza, talvez aspirantes ao reconhecimento de um estatuto, a embrenharem-se num debate em torno de pormenores formais, o uso do chapéu, as circunstâncias em que devem ficar em pé ou sentados, o tipo de assento que deve ser usado e assim sucessivamente. Não sendo uma nobreza de corte, sente necessidade de padronizar os seus costumes, o que faz com um voluntarismo que o olhar estrangeiro logo capta. Contudo, não possui um horizonte cultural que lhe permita tomar um tratado

¹⁴ “Uma descrição de Portugal em 1578-80”, 220-222.



de comportamento italiano como gramática, pronta a usar, ficando-se pelo *disordine*. A Itália inspira deslumbramento, mas não apela, necessariamente, à imitação, como se observa em anteriores páginas do mesmo relatório, às quais foi feita alusão. Falta a esta nobreza uma instância agregadora, susceptível de interrelacionar e organizar colectivamente, como *institutio*, comportamentos individuais: a corte.

Passemos agora ao segundo texto, o famoso capítulo 56 do segundo livro de *Il Cortegiano*. A conversa é sobre facécias. A arte de contar facécias revela bem aquele cariz teatral e de convívio prazenteiro próprio da sociedade de corte. O cortesão deve saber contar a história apropriada ao ambiente, com aquela desenvoltura e aqueles dotes discursivos que induzem à festa e ao riso de modo discreto. É também uma forma de mostrar a agudeza, o engenho e a presença de espírito de quem a conta ou a comenta. Enfim, traz para a ribalta a arte da conversação como grande fundamento da sociabilidade.

A facécia, contada por Bernardo Bibbiena, é desde logo apresentada como *non tanto sottile, pur bella*:¹⁵

“Parlandosi pochi dì sono del paese o mondo novamente trovato dai marinari portoghesi, e dei varii animali e d’altre cose che essi di colà in Portogallo riportano, quello amico del qual v’ho detto affermò aver veduto una simia di forma diversissima da quelle che noi siamo usati di vedere, la quale giocava a scacchi eccellentissimamente; e, tra l’altre volte, un dì essendo innanzi al re di Portogallo il gentilom che portata l’avea e giocando con lei a scacchi, la simia fece alcuni tratti sottilissimi, di sorte che lo strinse molto; in ultimo gli diede scaccomatto; per che il gentilomo turbato, come soglion esser tutti quelli che perdono a quel gioco, prese

¹⁵ Baldassare Castiglione, *Il libro del Cortegiano*, introd. Amedeo Quondam, note Nicola Longo (Milano: Garzanti, 1981 [c. reed.]) 201-202.



in mano il re, che era assai grande, come usano i Portoghesi, e diede in su la testa alla simia una gran scaccata; la qual sùbito saltò la banda, lamentandosi forte, e pareva che domandasse ragione al Re del torto che le era fatto. Il gentilomo poi la reinvitò a giocare; essa avendo alquanto ruscato con cenni, pur si pose a giocar di novo e, come l'altra volta avea fatto, così questa ancora lo ridusse a mal termine; in ultimo, vedendo la simia poter dar scaccomatto al gentilom, con una nova malizia volse assicurarsi di non esser più battuta; e chettamente, senza mostrar che fosse suo fatto, pose la man destra sotto 'l cubito sinistro del gentilomo, il quale esso per delicatezza riposava sopra un guancialetto di taffetà, e prestamente levatoglielo, in un medesimo tempo con la man sinistra gliel diede matto di pedina e con la destra si pose il guancialetto in capo, per farsi scudo alle percosse; poi fece un salto inanti al Re allegramente, quasi per testimonio della vittoria sua. Or vedete se questa simia era savia, avveduta e prudente.” Allora messer Cesare Gonzaga, “Questa è forza,” disse, “che tra l'altre simie fosse dottore, e di molta autorità; e penso che la Republica delle simie indiane la mandasse in Portogallo per acquistar riputazione in paese incognito.” Allora ognun rise e della bugia e della aggiunta fattagli per messer Cesare.

Logo de início, fica patente a imagem-padrão que o cortesão italiano possui do português, marinheiro e introdutor de novos animais na Europa. A fórmula *paese o mondo novamente trovato* remete para um código de comunicação famoso, o *novo mondo* de Vespucci.¹⁶ Quanto aos animais nunca vistos que os portugueses trazem

¹⁶ Vejam-se os comentários de Cristiano Spilla a Amerigo Vespucci, *Mundus Novus*, a cura di C. S., Testo latino a fronte (Troina: Città Aperta, 2007).



para a Europa, no ambiente das cortes italianas daquele período, a remissão não seria alheia à Embaixada do Elefante.

Vários são os elementos desta história que divertem pelo exagero, como é típico deste género de narrativa breve: um macaco tão especial que sabe jogar xadrez, tão dotado que é capaz de ganhar ao cortesão que o trouxe para a Europa e o levou até aos reais aposentos, tão esperto que põe uma almofada na cabeça para minorar os danos da agressão que pressente. Para além disso, fica uma outra zona de não dito, cuja ironia é mais ousada e inquietante. O tamanho desusado da peça do rei, nos tabuleiros de xadrez usados em Portugal, parece mimar a organização de um reino cujo poder é centralizado na figura do monarca. Além disso, a severidade com que a figura do tabuleiro é usada para agredir o macaco parece desdobrar a do próprio Rei, que ao mesmo tempo pune e se diverte, permanecendo, porém, imóvel.

Mas é nas observações finais de Cesare Gonzaga que fica contida a suprema agudeza da *pointe*. O macaco é tão sábio, que é *dottore*, o que, cruzado com outras informações epocais que atestam o apego que os portugueses têm aos títulos, reverte em paródia. O jogo do reverso atinge o seu ápice quando Portugal, país de marinheiros, animais exóticos e viagens ao novo mundo, tal como fora apresentado no início do capítulo, passa a *paese incognito*, quando visto da República dos macacos. As grandezas das navegações não parecem impressionar a República dos macacos indianos. Desta feita, não é a monarquia mais ocidental da Europa a enviar animais exóticos, em fantásticas embaixadas, a outras nações europeias, mas a fazer-se destino de um membro de uma república de animais indianos, para que ganhe nome.

Os costumes da corte real portuguesa resultam, pois, de uma sedimentação, que se prolonga no tempo, de elementos de proveniência heterogénea, por entre uma tradição ibérica e permanências góticas e árabes, bem patentes no estilo neomanuelino, a que se junta o impacto das descobertas, sem marginalizar algumas aberturas ao modelo italiano.



A sociedade que os adopta tem o seu equilíbrio próprio e é, por si, tendencialmente homogénea, numa linha de continuidade das grandes casas aristocráticas portuguesas, sem alterações de percurso. Adere mais facilmente, por isso, a outras tipologias literárias, que não o tratado de comportamento.

Será necessário que a corte atravessasse o Atlântico, ao tempo de D. João VI, para que se gere uma verdadeira heterogeneidade no seio da sociedade cortesã. Mas essa travessia é de inícios do século XIX, e as respostas serão outras.

Esta dialéctica entre corte e literatura só pode ser entendida, por conseguinte, no quadro da multiplicidade de intersecções que faz do Renascimento um fenómeno europeu, não estático, mas integrado num dinamismo de combinações essencial para a compreensão do que são os *Renascimentos*.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Burke, Peter. *The Italian Renaissance. Culture and Society in Italy*. Princeton: Princeton UP, 1972.

Castiglione, Baldassare. *Il libro del cortegiano*. Introd. Amedeo Quondam, note Nicola Longo. Milano: Garzanti, 1981.

Duby, Georges. *Guerriers et paysans. 7e-12e siècle. Premier Essor de l'Économie Européenne*. Paris: Gallimard, 1973.



- Köhler, Erich. *Sociologia della Fin'Amor. Saggi Trobadorici*. Padova: Liviana, 1976.
- *Trobadorlyrik und Höfischer Roman. Aufsätze zur Französischen und Provenzalischen Literatur des Mittelalters*. Berlin: Ruetten & Loening, 1962.
- Marnoto, Rita. *A “Vita Nova” de Dante Alighieri. Deus, o Amor e a Palavra*. Lisboa: Colibri, 2001.
- “Literatura comparada. Imaginar, interrogar”. *Imaginação e Literatura*. Coord. Rita Marnoto. Coimbra: Instituto de Estudos Italianos da Universidade de Coimbra, 2009.
- Marques, A. H. de Oliveira. “Uma descrição de Portugal em 1578-80”. *Portugal Quinhentista (Ensaios)*. Lisboa: Quetzal, 1987. 127-245.
- Oliveira, António Resende de. *Depois do Espectáculo Trovadoresco: a Estrutura dos Cancioneiros Peninsulares e as Recolhas dos Sécs. XIII e XIV*. Lisboa: Colibri, 1994.
- Quondam, Amedeo. “Questo povero cortegiano”. *Castiglione, il Libro, la Storia*. Roma: Bulzoni, 2000.
- “Petrarquistas e gentis-homens”. *Petrarca 700 Anos*. Coord. Rita Marnoto. Coimbra: Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005. 187-248
- Santagata, Marco. “Dalla lirica cortese alla lirica cortigiana: appunti per una storia”. M. S., Stefano Carrai. *La Lirica di Corte nell'Italia del Quattrocento*. Milano: Franco Angeli, 1993. 11-30



—“Nascer duas vezes. Vicissitudes da lírica italiana dos primeiros séculos”. *Estudos Italianos em Portugal*. 1 (2006): 13-39.

Spilla, Cristiano. Comentários a Amerigo Vespucci, *Mundus Novus*. A cura di C. S., Testo latino a fronte. Troina: Città Aperta, 2007.